

## Célestin Freinet: sua concepção de educação popular e suas técnicas inovadoras

Flávio Boleiz Junior<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo é decorrente de uma pesquisa bibliográfica acerca do trabalho desenvolvido por Célestin Freinet, especialmente a partir de sua concepção de educação popular e de homem, bem como de suas técnicas inovadoras, preconizadas durante o período em que foi professor primário, entre 1920, quando ingressou na carreira docente numa pequena escola no interior da França, e 1966, ano em que faleceu, nos Alpes Marítimos Franceses. Por entender que a educação escolar popular deveria se encontrar com a realidade e reproduzir a vida dos educandos em sala de aula, sua proposta pedagógica desenvolveu-se por meio da criação de uma série de técnicas pedagógicas que são até hoje muito utilizadas em diferentes instituições de ensino, mesmo por educadores que não o conhecem, dentre as quais estão as aulas passeio, as rodas de conversa, a imprensa escolar, o jornal escolar, a correspondência interescolar, o jornal de parede para assembleias escolares, entre muitas outras. Freinet buscou formar cidadãos livres, autônomos, felizes e capazes de administrar a própria vida, colocando o estudante no centro do processo pedagógico, por meio de uma educação popular horizontal, em que professor e estudantes se encontravam no mesmo nível de importância, e que buscava construir o que ele mesmo denominou uma escola do povo.

### Palavras-chave

Freinet. Técnicas Freinet. Concepção de educação. Educação popular.

---

<sup>1</sup>Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FEUSP, Brasil; professor adjunto no Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação - DFPE do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: flavio.boleiz@ufrn.br.

## Célestin Freinet: his conception of popular education and his innovative techniques

Flávio Boleiz Junior<sup>2</sup>

### Abstract

This article is the result of a bibliographical research about the work developed by Célestin Freinet, especially through his conception of popular and human education, as well as his innovative techniques, advocated during the period in which he was a primary school teacher, between 1920, when he entered the teaching career in a small school in the interior of France, and 1966, the year in which he died, in the French Alpes-Maritimes. By understanding that popular education in school should *meet with* reality and *reproduce* the life of students in the classroom, its pedagogical proposal was developed through the creation of a series of pedagogical techniques that are still widely used in different educational institutions, even by educators who do not know him, among which are The Walking Classes, the Conversation Circles, the School Press, the School Newspaper, the Interscholastic Correspondence, the Wall Newspaper for School Assemblies and many others. Freinet sought to form free, autonomous and happy citizens capable of managing their own lives, placing the student at the center of the pedagogical process through a horizontal popular education, in which teacher and students were at the same level of importance, and which sought to build what he himself called a school of the people.

### Keywords

Freinet. Freinet Techniques. Conception of education. Popular education.

---

<sup>2</sup>PhD in Education from the Faculty of Education of the University of São Paulo, FEUSP, Brazil; assistant professor in the Department of Educational Fundamentals and Policies - DFPE of the Education Center of the Federal University of Rio Grande do Norte, Brazil. E-mail: flavio.boleiz@ufrn.br.

## **Introdução**

Não faz sentido utilizar-se as técnicas desenvolvidas por Célestin Freinet nas escolas se sua concepção de educação popular não estiver dando o devido suporte aos fazeres docentes. Com essa afirmação iniciaremos uma análise introdutória de algumas das técnicas de Freinet, bem como de seus princípios educativos.

Dentre as muitas técnicas desenvolvidas por ele, estão: o desenho livre, o texto livre, as aulas-passeio, a imprensa escolar, a roda de conversa, a correspondência interescolar, o jornal escolar, o livro da vida, o dicionário de classe, os cantos de interesse, o caderno circular para os professores, o jornal de parede etc. Essas técnicas visam ao desenvolvimento do que Freinet chamava de método natural – da linguagem, da matemática, das ciências naturais –, de modo que elas não podem ser consideradas nem como um fim em si mesmas, nem como uma receita de como trabalhar o ensino e a aprendizagem, sem que se tenha em mente partir do interesse do educando, provendo o fazer pedagógico das necessárias condições para que ocorra a produção e a apropriação do conhecimento.

Neste artigo, nos referimos basicamente a quatro dessas técnicas, a saber: as aulas passeio, o texto livre, a imprensa escolar e a correspondência interescolar, com o objetivo de apresentarmos o alto grau de inovação presente nas técnicas do educador francês. Procuraremos descrever o surgimento, apresentaremos a descrição e problematizaremos a aplicação delas em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Na conclusão, (re)apresentaremos o argumento de que não faz sentido a utilização das técnicas sem o embasamento das concepções de educação e de ser humano que sempre nortearam todos os fazeres de Freinet.

## **As motivações de Freinet**

Freinet trabalhou a vida toda por uma educação popular que tivesse condições de atender às necessidades e aos interesses particulares e de classe de seus educandos e em prol de construir e garantir uma escola do povo e para o povo. Segundo Moacir Gadotti, “ele afirmava a existência de uma dependência entre a escola e o meio social, de forma a concluir que não existe uma educação ideal, só uma educação de classes. Daí sua opção pela classe trabalhadora e a necessidade de tentar uma experiência renovadora de ensino” (Gadotti, 2004, p. 179).

Em busca de construir uma escola popular, pronta a atender às necessidades do povo, “Freinet concebeu uma escola a serviço dos trabalhadores e a situou no campo da disputa de visão de mundo e de reivindicações sociais porque a entendia como uma ferramenta de transformação da sociedade” (Arena; Resende, 2021, p. 9). Freinet ansiava por transformar a sociedade de seu tempo, visando à formação de um mundo mais justo e pacífico.

A partir de suas experiências discentes na escola tradicional, onde estudou desde a infância até o curso de magistério, Freinet se deparou com fazeres escolares que se repetiam há séculos. “Os professores sabiam [...] antecipadamente aquilo de que os seus alunos teriam mais tarde necessidade. Eles não precisavam de considerar qualquer modificação nas técnicas e na pedagogia no decurso do seu exercício docente. O que haviam aprendido na Escola Normal era ainda válido [...], sendo ensinado com os mesmos livros e os mesmos métodos” (Freinet, 1975, p. 9). O mesmo ocorria, por exemplo, com as técnicas rurais. Durante séculos não houve substantiva mudança nem nas técnicas, nem nas ferramentas e utensílios utilizados pelo homem do campo, de modo que os métodos de plantio, cultivo e colheita praticamente não se alteravam, e os saberes rurais eram passados de pai para filhos, de geração em geração desde tempos imemoráveis. Entretanto, a partir do final do século 19 e início do século 20, a revolução industrial começou a influenciar também o campo, de modo que o maquinismo chegou nas lavouras mais diversas com uma velocidade jamais imaginada, modificando as técnicas camponesas e as ferramentas e utensílios, definitivamente. “Quer quiséssemos quer não, esta evolução acelerou-se a um ritmo por vezes alucinante” (Freinet, 1975, p. 10).

Para um homem criado nos tempos de Freinet, que nascera justamente no finalzinho do século 19 (em 15 de outubro de 1896), presenciar as mudanças tão grandes na configuração urbana e social chegava a ser assustador.

Ficava-se quatro anos sem ver a aldeia ou o bairro, e, no regresso, tinham sido construídas casas, alargadas ruas, derrubadas árvores centenárias, traçadas e alcatroadas novas estradas; não se tornará a desfrutar o encanto pacífico e familiar que se conheceu ainda não há muitos anos: motores roncavam, minas rebentavam, automóveis e caminhões perturbam agora a atmosfera destes lugares outrora tranquilos e repousantes (Freinet, 1975, p. 10).

Além do ambiente, também as pessoas foram passando por transformações marcantes. As crianças, por exemplo, já não eram como há alguns poucos anos, tendo mudado de interesses e de caráter, de modo que se pode dizer que se modernizou seu comportamento,

em muito modificado. Por isso, é possível afirmar que “noutros tempos, a pedagogia de 1900 seria ainda completamente válida. Pela força das circunstâncias, é considerada atualmente um instrumento pré-histórico” (Freinet, 1975, p. 11).

Hoje em dia, ao saírem da escola, os estudantes, ao final das aulas, deixam para trás uma instituição ambientada no passado para se comunicarem por meio de seus *smartphones*, brincarem com seus *videogames* de última geração e pesquisarem em computadores, que por meio da internet acessam informações produzidas no mundo todo, além de discutirem assuntos e problemas que, muitas vezes, sequer são conhecidos por seus mestres. Enfim, parece que mudam de mundo, passando a viver em uma realidade que nem se pode comparar com a instituição educacional em que permanecem presos por cerca de quatro horas, de segunda a sexta-feira.

Os professores, deparando-se com essa realidade, comentam entre si que os estudantes ultimamente já não se interessam pelos estudos, pelas leituras ou pelos trabalhos escolares; pensam que sabem de tudo, mas não sabem sequer ler e escrever corretamente. A ortografia é um problema a superar e os conhecimentos escolares deles são insuficientes. Os professores têm razão. “As crianças [e os estudantes em geral] de hoje não reagem como as crianças de há vinte e mesmo de há dez anos. O trabalho escolar não lhes interessa porque já não se inscreve no seu mundo. Então, inconscientemente, concedem-nos apenas a porção mínima do seu interesse e da sua vida, reservando todo o resto para aquilo que consideram verdadeira cultura e alegria de viver” (Freinet, 1975, p. 11). Como lidar com essa situação tão presente na maioria das salas de aulas?

Pode-se tentar trabalhar pedagogicamente impondo uma disciplina rígida e enérgica acompanhada de um tom ameaçador. Entretanto, esse modelo de comportamento docente já não leva muito longe. Pode-se, ainda, ficar se lamentando e queixando-se dos estudantes, atacando-os por não saberem escutar, estudar, ler, obedecer, demonstrar respeito pelo processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, também essa postura não contribuirá para o desenvolvimento docente.

Freinet adverte que “um artesão ou um industrial que possuam uma oficina que funciona mal, com máquinas antiquadas que rangem e se ‘cansam’, não atribui as culpas às máquinas, não tenta obrigá-las a andar. Não as invectiva, pois sabe que isso não serviria de nada. Resolve modernizar a oficina para poder satisfazer as necessidades da sua clientela” (Freinet, 1975, p. 12).

Mais do que qualquer oficina, Freinet considerava que a sala de aulas precisava ser um lugar cheio de vida. Um lugar em que a vida pulsasse e fizesse sentido para os estudantes e para os professores. Por isso, se propôs a modernizar seus utensílios e melhorar suas técnicas, de modo que a escola se adaptasse ao meio, proporcionando um melhor rendimento aos esforços de todos. Franco Cambi afirma que “sobre essa base, Freinet desenvolve a sua concepção da escola como um ‘canteiro de obras’, na qual o trabalho resulta humanizado e efetuado num clima de empenho e colaboração” (Cambi, 1999, p. 524-525).

Essa modernização, empreendida durante mais de quarenta anos, proporcionou o surgimento de várias técnicas – as técnicas Freinet da Escola Moderna –, embasadas pelos objetivos que mencionamos acima e que aqui queremos reafirmar: estabelecer uma relação estreita entre a escola e a vida de estudantes e professores, e a realidade deles.

Somam-se à modernização pedagógica as questões de aproximação cultural entre escola e comunidade que, quando devidamente alinhadas aos fazeres escolares, fazem emanar destes um caráter libertador em contraposição ao modelo castrador da escolástica tradicional e vetusta. Segundo Elise Freinet, a esposa e companheira de trabalho e pesquisa de Célestin Freinet,

a nossa obstinação em defender o espírito libertador das nossas técnicas e em condenar ao mesmo tempo o embrutecimento da escolástica já conseguiu fazer com que hoje se abrisse uma brecha. Oficiosamente, fora da escola e mesmo oficialmente, ao nível dos responsáveis pelos problemas pedagógicos, levanta-se a questão do domínio das aquisições técnicas sobre os elementos culturais (E. Freinet, 1978, p. 11).

### **A vida entrando na escola**

Freinet nunca foi apoiado pelo Estado em seu trabalho, que não se fundamentou nos fazeres pedagógicos do passado, simplesmente procurando reformá-los, mas emergiu do contato com a realidade que demandou novas técnicas e utensílios que possibilitaram a criação e o desenvolvimento de novas formas de trabalho, adaptadas ao meio em que vivia e trabalhava.

Essa foi a grande percepção que diferenciou a pedagogia de Freinet de tantas outras pedagogias que tentaram modernizar os fazeres escolares. Não basta levar utensílios variados para dentro da sala de aulas, nem inventar uma série de técnicas que coloquem os estudantes em atividade. É necessário estabelecer uma ligação profunda entre o que se faz em sala de aulas e a vida fora da escola. A realidade dos estudantes e os interesses e as

necessidades deles precisam ser contemplados para que a educação se torne realmente libertadora, transformadora e propicie autonomia de estudos e de atuação na vida.

As técnicas Freinet da Escola Moderna não são meramente fazeres diferentes a se realizarem na sala de aulas, nem são cópia ou simples adaptação dos métodos e das técnicas da Escola Nova. São metodologias que provocam o pensar crítico dos estudantes que, em contato com fazeres intimamente ligados à própria realidade, contribuem para a compreensão dessa realidade e para a sua transformação. Aí reside o caráter libertador em duplo sentido. Primeiramente, libertam-se os estudantes da prisão que significa a escolástica com seus métodos tradicionais voltados, principalmente, para a memorização e para a docilização de corpos e mentes. Em segundo lugar, ao realizar atividades afins à realidade viva de seu cotidiano, os educandos vão tomando consciência do funcionamento do mundo, tanto em relação aos aspectos técnicos como sociais, ou seja, os estudantes se apropriam de uma visão de mundo que lhes proporciona compreender a razão de sua condição de vida e, cientes de sua condição de vida e dos motivos dessa condição, torna-se possível operar a sua transformação.

Os instrumentos da pedagogia Freinet não são quaisquer instrumentos e por isso mesmo não podem ser pensados independentes da filosofia que inspira todo o trabalho pedagógico. Não são instrumentos neutros e seu uso descontextualizado pode ser ainda mais prejudicial à formação dos alunos e ao processo de aprendizagem do que outros instrumentos já presentes nas salas de aula [...] (Geraldí, 2003, p. 10).

Mais que simples tecnologia educacional, as técnicas Freinet são metodologias que, a partir do caráter coletivo, cooperativo e colaborativo, assumem características plenamente democráticas, pois todos se envolvem nas escolhas e deliberações que tais técnicas demandam. Com um ambiente plenamente democrático em sala de aulas, estudantes e professores compartilham democracia como meio de convivência, enchendo de sentido o ensino e o aprendizado dos valores democráticos de cidadania.

Outra característica muito importante das técnicas Freinet da Escola Moderna diz respeito à formação de sujeitos autônomos. Ao atuarem no próprio processo de ensino e aprendizagem por meio das atividades proporcionadas pelas técnicas, os educandos se veem, em muitas ocasiões, diante de problemas que devem ser solucionados para que se possa dar conta das atividades em que estão envolvidos. A resolução de problemas contribui diretamente para a formação da autonomia, pois solucioná-los envolve a tomada de iniciativas, a proposta de soluções e a deliberação pela aplicação das propostas deliberadas. Nota-se, então, o desenvolvimento da autonomia dos educandos.

Muito interessante é saber como Freinet resolveu se dedicar a produzir novas técnicas pedagógicas. Ele mesmo conta que

terminada a Primeira Guerra Mundial, em 1920, eu era apenas “um ferido glorioso”, com lesão nos pulmões, uma pessoa enfraquecida, ofegante, incapaz de falar na aula mais do que uns escassos minutos. [...] dar lições a crianças que não escutam e não compreendem – os seus olhos vagos afirmam-no com suficiente eloquência –, interromper-me a todo instante para chamar à ordem os sonhadores e os indisciplinados com as frases tradicionais:

— *Queres ouvir-me?*

— *Quando acabas de bater os pés contra as travessas da carteira?*

— *Repete o que disse...*

Era trabalho escusado, na atmosfera limitada de uma aula que venciam a minha resistência e superava as minhas possibilidades fisiológicas. Como o náufrago que não quer afogar-se, era preciso na verdade descobrir um meio de não me afundar. Tratava-se para mim de uma questão de vida ou de morte (Freinet, 1975, p. 19-20, grifos no original).

Como se pode observar, o infortúnio de Célestin Freinet foi a sorte de seus educandos. Por causa de sua debilidade física causada por um balaço durante a Primeira Guerra Mundial, seus pulmões feridos o impulsionaram a elaborar uma pedagogia diferente, que lhe capacitasse a trabalhar como professor primário.

Ante a impossibilidade de instruir seus alunos pelos meios normais de lições e deveres explicados e corrigidos em um clima de severa disciplina, deixou que as coisas seguissem seu curso. Ousou falar às crianças em um clima em que a espontaneidade se impunha por si mesma. Os viu viver, facilitou suas experiências livres e se converteu no professor companheiro, deixando-se guiar por seus alunos ao invés de os guiar ele mesmo. Foi assim que encontrou um meio de acomodar suas próprias limitações físicas e profissionais ao empuxo irresistível de uns meninos impacientes por viver, de modo que a vida em comum de uma camaradagem fácil transcorria pela encosta mais acessível e natural (E. Freinet, 1981, p. 13).

Necessitando procurar fora da escolástica uma solução para sua necessidade docente, Freinet conta que passou a buscar “uma técnica de trabalho que estivesse ao alcance das minhas reduzidas possibilidades” (Freinet, 1975, p. 21). Partiu, pois, para a pesquisa. Adotou o processo de ensaio experimental que colocaria no centro de seu comportamento pedagógico e de suas técnicas de vida, chamando-o de *tateio experimental*. Em meio a investigações, recorreu à leitura de obras de Montaigne, Rousseau e Pestalozzi; foi Ferrière, na obra *Escola ativa*, quem orientou várias das tentativas de Freinet. Visitou as escolas libertárias de Altona e de Hamburgo, na Alemanha, e participou do Congresso de Montreux



da Liga Internacional para a Educação Nova em 1923, em que conheceu pessoalmente Ferrière, Pierre Bovet, Claparède, Cousinet e Coué. Depois, em 1925, viajou à Rússia, junto ao primeiro grupo de professores ocidentais convidados a conhecerem a experiência soviética de educação em Moscou, quando conheceu as iniciativas de Pistrak, na Escola Lepeshinski, com gestão democrática partilhada entre direção, professores e estudantes, além de técnicas inovadoras, como os complexos de interesse.

Entretanto, ao retornar à sua aldeia, no interior da França, Freinet sentia-se só. “[...] senti-me desesperado: nenhuma das teorias lidas e entendidas podia ser transposta para a minha escola de aldeia. As únicas realizações válidas eram as de certas escolas novas da Alemanha e da Suíça que, com um número reduzido de estudantes e uma grande quantidade de educadores de escola, funcionavam em condições bastante diferentes daquelas em que eu tinha de trabalhar” (Freinet, 1975, p. 22).

A essa altura, o professor francês ainda utilizava as técnicas tradicionais da escola de seu tempo – e que em muitos lugares perduram até nossos dias.

[...] nestas circunstâncias, era obrigado a utilizar o melhor possível os instrumentos e as técnicas tradicionais, a dar lições que ninguém compreendia, a mandar ler textos que, embora simples, nada significavam no devir educativo das crianças. Na leitura, servia-me do método de Boscher – ainda em uso, um pouco modernizado, em muitas escolas – com seu: *O papá ri – A mamã papou a papa...* Em cálculo tinha-se de aprender mecanicamente os números, com ou sem ábaco e, nas restantes disciplinas do ensino continuava-se com a lição de repetição que cansava muito depressa tanto os alunos como eu próprio (Freinet, 1975, p. 22, grifos no original).

Com essa metodologia antiquada e totalmente divorciada do interesse dos estudantes, era praticamente impossível conseguir um pouco da atenção destes. Os demais professores, colegas de Freinet, aconselhavam-no a ter paciência. “*É preciso arranjar uma certa rotina mesmo um pouco modorrenta, se queres sobreviver!*” (Freinet, 1975, p. 22-23, grifos no original). Com isso, e com as observações do inspetor de educação com relação às aulas de espantoso sucesso de algum outro professor, acentuava-se a ideia de que Freinet era um profissional, na verdade, incompetente.

Como que driblando a situação, Freinet começou a realizar algumas aulas-passeio. Entretanto, “a expressão fora evidentemente mal escolhida, pois os pais supunham que as crianças não iam à escola para passear e o inspetor não desejava certamente percorrer os campos para encontrar suas ovelhas” (Freinet, 1975, p. 23). Com essas aulas-passeio que tanto

se diferenciavam da rotina escolar, Freinet encontrava um pouco de paz para sua inquietude pedagógica.

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de os imitar. Observávamos o campo nas diversas estações: no Inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o inseto, a pedra ou o regato. Sentíamos-os com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta... (Freinet, 1975, p. 23).

Nessas aulas tão diferentes das que se produziam na escola tradicional, evidenciavam-se relações muito mais afins àquelas do dia a dia dos educandos e do professor. Era possível falar e comunicar em um tom familiar os mais típicos elementos da cultura, beneficiando a todos. No retorno à sala de aulas, produzia-se na lousa um resumo do passeio, levantando-se palavras e expressões vocabulares que os estudantes compreendiam e pelas quais se interessavam em aprender a ler e a escrever.

### **Adeus ao velho manual escolar: a imprensa na escola**

Muito pensando nos processos educativos que se iam modificando devagar em sua sala de aulas, ocorreu a Freinet que seria muito interessante se fosse possível imprimir os textos que surgiam a partir das aulas-passeio que se realizavam regularmente.

— Se pudesse, mercê de um material de impressão adaptado à minha aula, traduzir o texto vivo, expressão do “passeio”, em página escolar que substituísse as páginas do manual, encontraríamos, relativamente à leitura impressa, o mesmo interesse profundo e funcional que nos inspirava a preparação do próprio texto.  
Era simples e lógico, tão simples que me surpreendeu o fato de ninguém ter pensado nisso antes de mim (Freinet, 1975, p. 24-25).

A partir de tais ideias, Freinet colocou em ação um plano de aquisição de um equipamento de impressão para sua sala de aulas. Passou a procurar aqui e acolá por uma máquina que não custasse muito caro para a realização de seu sonho. Acabou descobrindo em uma velha tipografia um “material de impressão com um sistema de composição simples e

prelo de madeira que devia, em princípio, permitir a impressão dos nossos textos” (Freinet, 1975, p. 25). Tratava-se de um maquinário extremamente simples e pequeno que possibilitava a impressão de folhas de 10,5 cm X 13,5 cm, com cinco a sete linhas.

Quando Freinet apresentou aos estudantes a nova máquina de imprimir que passaria a compor o ambiente escolar, o interesse foi imediato. Surpreendentemente, para Freinet, apaixonaram-se pelo delicado, minucioso e complexo trabalho de impressão, que envolvia desde a preparação das folhas de papel até a composição das frases e impressão propriamente dita, com a utilização de um material tão rudimentar. Freinet considera que houve, por meio das atividades de impressão, a descoberta de “um processo normal e natural da cultura” e que “a observação, o pensamento, a expressão natural tornavam-se texto perfeito” (Freinet, 1975, p. 25). Afinal, o que se imprimia era fruto da vivência dos próprios educandos que, enquanto sujeitos, produziam textos que refletiam suas experiências. Diferentemente dos textos do velho manual, agora se lia e se escrevia aquilo que fazia parte da própria vida.

A partir das experiências com pequenos textos produzidos em função das aulas-passeio, os educandos começaram a produzir, livremente, textos que desejavam ver impressos no novo maquinário. Apesar da empolgação de Freinet com essa nova descoberta, a maioria de seus colegas professores não acreditava na capacidade produtiva das crianças. Ao mostrar os primeiros textos infantis produzidos e impressos por seus educandos, Freinet ouviu de seus colegas:

- Para que serve? Temos bastantes textos de adultos nos nossos manuais, bem mais interessantes e úteis que estes balbuciantos!...
- De resto, que queres tu que as crianças te apresentem? Trabalhos originais? Elas evidenciam tanta falta de ideias quando lhes pedimos uma simples redação! Ficam de boca aberta e com o lápis no ar! É-nos necessário, para tirar delas qualquer coisa que se veja, não só prepará-las ou sugerir ideias, mas também por vezes, fazer um “esboço” do que pretendemos ou dar o princípio de frases que completam com tanta dificuldade... (Freinet, 1975, p. 26).

Além da falta de entusiasmo dos colegas, também as instruções oficiais aos professores das escolas primárias eram desanimadoras, em relação à qualidade da produção de textos:

O exercício de composição francesa aparece no Curso Elementar, mas só timidamente. Não devemos esperar que crianças de sete anos façam verdadeiras redações. Não lhes pedimos sequer um parágrafo. Pedimos-lhes apenas pequenas frases. A criança só é capaz de redigir quando possui, além de um conjunto de ideias bastante rico, um conjunto bastante rico de

expressões. [...] Se, no fim do Curso Elementar se tiver habituado a este exercício, não terá perdido seu tempo (Freinet, 1975, p. 26-27).

Somente ao final do curso equivalente ao nosso Fundamental II é que se esperava que a criança fosse capaz de produzir uma pequena redação, com algumas frases bem simples agrupadas em pequenos parágrafos formando textos de quinze ou vinte linhas. Este era o pensamento geral acerca da produção de textos por parte das crianças em torno dos anos 1920, na França – e ainda parece ser entre muitos professores da atualidade –, em que nunca se vira um texto livre produzido pelos infantes e não se supunha ser possível que o fizessem.

### **Novas ideias, novas técnicas**

Depois das aulas-passeio, da imprensa na escola e do texto livre, muitas novas técnicas foram criadas, sempre estreitamente ligadas às necessidades e aos interesses dos estudantes, ou seja, sempre em conexão aos acontecimentos do dia a dia deles e, portanto, da realidade.

Freinet implementou a correspondência interescolar, inicialmente com a troca de cartas e materiais impressos entre os educandos de Bar-sur-Lup, a aldeia onde Freinet trabalhava nos Alpes Marítimos, e Saint Philibert-de-Trégunc, em Finistère, onde dava aulas um amigo chamado Daniel, e, posteriormente, entre várias escolas de diversos cantos da França e ainda da Bélgica, da Espanha, da Alemanha. Encomendas e correspondências foram trocadas diariamente entre muitas escolas de acordo com os interesses de seus estudantes, incentivando-os a maior produção de textos livres para serem intercambiados por todos.

Criou-se, também, o jornal escolar, em que os estudantes publicavam pequenas notícias das aldeias e da escola deles, além de acontecimentos pessoais e coletivos, que motivavam o trabalho discente com a pesquisa e maior produção de textos, cada vez mais complexos.

Freinet defendia a ideia de que tanto a correspondência interescolar quanto o jornal escolar funcionavam como motivação perene para as atividades dos educandos. Ele dizia que “se funcionarem jornal e correspondência, a criança, como acontece em casa, não se cansará nunca de contar só elementos da sua vida, e não só da sua vida exterior, mas também de todo esse pensamento profundo que a escola nunca aflora e que constitui, sabemo-lo hoje bem, o motor profundo do seu comportamento” (Freinet, 1975, p. 30).

Diferente da escola tradicional que tem como característica a obrigação dos estudantes de apresentar um trabalho geralmente desvinculado da realidade de vida deles e conectado a regulamentos, manuais escolares e docentes geralmente autoritários, a Pedagogia Freinet busca oferecer aos educandos a oportunidade de estarem sempre desenvolvendo atividades de aprendizagem conectadas ao mundo deles, ou seja, com a realidade em que vivem, gerando um produto, de onde se origina sua caracterização como Educação do Trabalho.

Na contramão dos princípios da Pedagogia Freinet, a Escola Tradicional se baseia principalmente nas aulas magistrais. O professor é um explicador e a explicação, antecedendo a experimentação e a observação, se transformou na atividade cardeal do docente. Freinet critica duramente esse papel de explicador assumido pelo professor da escola tradicional, quando afirma:

A explicação torna-se bem depressa verborreia e a verborreia faz, na aula, às vezes do raciocínio e da ação; suprime-os e substitui-os, com o risco de deixar atrofiar as qualidades de que emanam. Consoante esta prática, não é a expressão que terá a primazia em francês, mas a explicação, as lições de gramática e vocabulário, como se se impusesse à criança que dá os primeiros passos toda uma série de regras e de proibições prévias: *Atenção, não te mexas... arriscavas-te a comprometer os primeiros conhecimentos... Vou explicar-te, para começar, como se fala, como se anda. Depois, mas só depois, começarás a correr... É necessário saber como se anda, antes de tentar andar...*

A criança, vítima de tais práticas, jamais aprenderia a falar, ficaria muda, se mamãe tivesse a ideia, *contra todo o bom senso*, de proceder assim, se tivesse a ideia extravagante de impor ao filho o estudo das leis supostamente científicas da linguagem, antes de o deixar gorjear à sua vontade, de partir à conquista *natural* e segura da linguagem (Freinet, 1975, p. 31-32, grifos no original).

Freinet procurou trabalhar contra esse paradigma a que chamava de processo escolástico contranatural, elegendo-o como principal alvo a ser superado em sua luta pedagógica. Ele considerava esse trabalho muito difícil, pois os próprios docentes já estavam impregnados de seus valores, a tal ponto que acreditavam que falhariam se não conseguissem garantir que sua ciência se fizesse presente no princípio de tudo quanto os educandos devessem aprender, e que todo conteúdo pertinente se encontrava no manual escolar, que lhes servia de apoio fundamental.

Em todas as matérias de ensino incluídas num programa sobre o qual o menos que se pode dizer é que não está integrado na vida –, em todas as disciplinas, aritmética, ciências, história, geografia, moral –, é a lição do manual, retomada e comentada pelo professor, que substitui a experiência da criança, a sua visão das coisas. Dada a lição, surgem automaticamente os

exercícios que devem confirmar as regras explicadas, quando teria sido fácil pôr à disposição dos alunos o material e a documentação que lhes permitisse chegar por si mesmos ao conhecimento, sem qualquer “conversa fiada” (Freinet, 1975, p. 32).

Se os docentes que insistem em trabalhar com a pedagogia tradicional se apercebessem do pouco rendimento de suas práticas de ensino, concluiriam, também, que deveriam mudar suas técnicas e concepções de educação, na busca de maior eficácia para sua profissão. As atividades práticas e interligadas às necessidades e interesses da vida, certamente, entrariam com força na sala de aulas e habitariam o currículo escolar, afinal de contas,

[...] é todavia andando que se aprende a andar; falando que se aprende a falar; pondo ferraduras que se aprende a ferrar. Se a escolástica consegue por vezes iludir, isto deve-se justamente à influência do meio que, através de um método natural, disfarça as insuficiências funcionais da escola. A inteligência manual, artística, científica, não se cultiva de modo algum apenas com o uso das ideias, mas através da criação, do trabalho, da experiência. Impõe-se uma nova escola (Freinet, 1975, p. 36).

Dessa forma, paira sobre as cabeças de todos os educadores a responsabilidade por uma pedagogia realmente educadora, no sentido de contribuir para a construção de sujeitos autônomos, cooperativos e colaborativos, enfim, de cidadãos interessados e empenhados na transformação de seu mundo no sentido de produzirem um espaço ambientado nas melhores condições possíveis de solidariedade e respeito mútuo.

Alguns dos detratores de Freinet alegam que as transformações preconizadas pelo educador francês ensejam um nível tal de liberdade entre os educandos que beira a anarquia. Entretanto, Freinet defende a disciplina escolar e a autoridade do professor “sem os quais não poderia haver nem instrução, nem educação” (Freinet, 1975, p. 46-47). Mas o modelo de autoridade e de disciplina esperadas e o modo pelo qual se pode logrã-las é bem diferente do paradigma escolástico tradicional.

Para Freinet, o desenvolvimento de uma verdadeira disciplina se institui dentro da escola em função da organização da sala de aulas e da metodologia aplicada ao processo de ensino e aprendizagem. “Ela é uma consequência natural de uma boa organização do trabalho cooperativo e do clima moral da aula” (Freinet, 1975, p. 47). A experiência dos educadores com a Pedagogia Freinet lhes mostrou que diante de uma sala de aulas bem organizada, com os estudantes envolvidos, todos, individualmente ou em grupos, em atividades interessantes que se adequem às realidades de vida, logra-se um estado de disciplina quase ideal. Esse

clima só é quebrado quando o educando não se sente integrado a um trabalho que se aproxime de seus anseios e de suas capacidades mínimas. Freinet afirma que “um dos benefícios mais importantes das nossas técnicas advém da resolução definitiva do problema da disciplina escolar, com a criação de um meio eminentemente educativo e humano” (Freinet, 1975, p. 47). Numa sala de aulas animada pela Pedagogia da Escola Moderna, o clima que se estabelece é de uma harmonia que se relaciona diretamente ao grau de autonomia alcançado pelo conjunto formado pelos educandos e o professor.

Ao se falar na metodologia utilizada por Freinet em suas aulas, pode-se levar a crer que as salas de aula onde a Pedagogia da Escola Moderna é aplicada sejam sempre todas idênticas. Não é assim que ocorre. As classes Freinet só são similares no que se refere aos fundamentos dele, ao ritmo e ao espírito, entretanto, justamente por se basearem na vida e no meio dos estudantes, são necessariamente diferentes entre si. Afinal de contas, as crianças são diferentes. A vida e o meio delas também diferem, dando origem às salas de aulas autênticas que respeitam e se baseiam em características regionais, culturais e individuais dos educandos.

### **A nova metodologia e os contextos educacionais**

Freinet defende a utilização de suas técnicas e concepções educacionais em todos os níveis educacionais. Segundo suas palavras,

[...] a escola tradicional instituiu, para cada caso, uma pedagogia diferente: há uma pedagogia dos jardins-escolas, estudada como se fosse autônoma, de modo algum ligada às obrigações escolares das classes seguintes e estudada nas revistas especializadas e nos Congressos. Há uma pedagogia dos Cursos preparatórios, dos Cursos elementares, e uma dos Cursos médios. Há a pedagogia dos infantários, das classes de aperfeiçoamento e de crianças atrasadas, e, evidentemente, uma pedagogia da Escola Primária e da educação permanente (sic) (Freinet, 1975, p. 50-51).

Para cada nível ou categoria pedagógica, há professores com uma formação especializada, com materiais didáticos adaptados, estágios preparados pelos educadores. Freinet considerava que a especialização estava, e nos parece que ainda está, na moda, de tal forma que a educação apresenta, também ela para além de todas as ciências, especialistas hierarquizados com o objetivo de hierarquizar cada nível da vida escolar, enxergando especialmente cada educando de acordo com as características de sua especialidade.

Mas Freinet defende a ideia de que “um método, se é bom, deve ser válido em todas as classes e em todos os lugares. Só variarão certas práticas ligadas aos comportamentos das crianças conforme os graus e as necessidades escolares” (Freinet, 1975, p. 51). Independentemente de qual seja o segmento escolar, o que importa é a evolução do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e o alcance de sua autonomia. Por isso, “a expressão livre, a motivação do trabalho pelo jornal e pelo intercâmbio, a criação e a experimentação, os planos de trabalho e os diplomas, o auxílio mútuo e a cooperação são válidos tanto no jardim-escola como no segundo grau, tanto com os atrasados como com o curso geral” (Freinet, 1975, p. 51). Em função de nossa experiência no Ensino Superior e dos contatos com outros professores universitários que têm aplicado as técnicas Freinet nas Instituições de Ensino Superior, podemos afirmar que também na Universidade a Pedagogia da Escola Moderna, com suas possíveis e necessárias adaptações, é muito bem-vinda.

As classes de aula baseadas na Pedagogia Freinet são todas muito parecidas no que diz respeito a seus fundamentos, seu ritmo e espírito. Entretanto, em função de estarem baseadas nos interesses individuais e de classe dos educandos em seu meio, são necessariamente diferentes, em conformidade justamente com esses educandos e os meios deles, diferentes de acordo com as idades, os aspectos culturais e regionais. Para Freinet (1975, p. 50), as classes de aula “são como belos jardins cujas plantas extraem, num solo rico, a mesma seiva, mas onde desabrocham segundo a sua natureza e a sua utilidade, os legumes úteis, as árvores generosas e as flores da poesia e da beleza, tão necessárias por vezes como os alimentos fundamentais”.

Outra ideia importantíssima que fundamenta a Pedagogia Freinet, insistimos, é a de que “não se deve separar a escola da vida” (Freinet, 1975, p. 52). O próprio autor narra trechos de sua infância, quando, indo para a escola, caminhava alegre, inebriado pelas distrações do campo e das ruas, dos sons dos pássaros, dos jogos naturais. Argumenta que as preocupações passavam longe das mentes das crianças e argumenta que “as preocupações? Só raramente nos acompanhavam. A criança com liberdade no meio dos seus camaradas jamais se encontra preocupada, salvo se está doente ou se problemas insuperáveis a dominam. A vida chama-a a si e impele-a para a frente com um optimismo confiante e prometedor” (Freinet, 1975, p. 52).

Entretanto, a sineta que marcava o início das aulas detinha sua vida e um vazio lhe invadia o ser. Ao tocar o sinal escolar, Freinet conta que anunciava-se



um mundo novo, totalmente diferente daquele em que vivíamos, com outras regras, outras obrigações, outros interesses, ou, o que é mais grave, com uma ausência por vezes dramática de interesse. Contávamos pela última vez os berlindes nos bolsos, escondíamos uma bela amonite descoberta no caminho e que iríamos buscar depois de sairmos; era-nos preciso afastar o cão que nos seguia e que se mostrava surpreendido por ver que nos tornáramos seres anônimos, sem alma, que desapareciam naquele lugar retirado do mundo no qual a vida não contava. A porta fechava-se (Freinet, 1975, p. 53).

Em algumas aulas diferentes, atenua-se um pouco essa separação entre a escola e a vida das crianças, o que significa um avanço. Entretanto, esse avanço é sempre uma exceção que, ao findar-se, encontra-se com a mesmice das lições repetitivas com a intenção de prover a memorização, as obrigações e o acompanhamento das tarefas e lições dos livros didáticos como mais importantes utensílios em sala de aula.

No clima peculiar da sala de aulas, aliás, no mais das vezes, o professor assume o papel de quem tudo sabe e que vai ensinar a quem não sabe nada. É fato que “[...] o defeito principal da lição é ser dada pelo professor que sabe, ou pretende saber, a educandos que se supõe que nada sabem. Não entra na cabeça de ninguém a ideia de que a criança, com as suas próprias experiências e os seus conhecimentos diversos e difusos, tem também alguma coisa para ensinar ao professor” (Freinet, 1975, p. 53).

Os livros didáticos e as apostilas que hoje em dia conhecemos tão bem encontravam seu comparativo no manual escolar dos tempos de Freinet. Pois o mestre francês tece uma crítica contundente ao manual escolar, que se encaixa primorosamente no uso de nossos livros didáticos e apostilas. Para Freinet,

O manual escolar tem outro defeito suplementar: determina rigorosamente, e para todas as regiões, o que as crianças devem aprender ou fazer. Contém a ciência fria – mesmo que se tente aquecê-la artificialmente através de processos que só enganarão os educadores e mais ninguém –, impessoal, anônima. Dirige-se não ao homem criança, mas ao aluno, que é já como que um ser descarnado, que não reage como criança, mas como aluno (Freinet, 1975, p. 54).

Quando algum dos textos contidos nos livros didáticos e apostilas se relacionam à vida dos estudantes, trata-se de um avanço acidental que, geralmente, é seguido por novos textos que se colocam como obstáculos ao aprendizado daquilo que realmente importa na vida dos estudantes. Freinet elogia os livros em geral, afirmando ser incapaz de enaltecer suficientemente suas virtudes, mas execra os Manuais Escolares, especialmente na maneira como são utilizados pelos professores em geral. Ele defendia a ideia de que se associássemos

o manual – ou os livros didáticos e apostilas, digo eu – a toda documentação que se pode colocar à disposição do alunado, este desempenharia um papel humano e pedagógico.

Mas como seria uma aula típica da Pedagogia preconizada por Célestin Freinet? Certamente seria uma oportunidade de encontro entre a vida dos educandos e a escola. Um encontro em que cada atividade significaria um exemplo da moral que se deseja ensinar. Trata-se de um procedimento que “é o próprio processo de trabalho em conjunto e da nossa vida que contém em si o ensino da moral, intuitivo e explícito” (Freinet, 1975, p. 56).

Depois de uns dez minutos, a turma começa a trabalhar, coletivamente. Freinet explica que:

[...] os responsáveis verificam que todos os alunos dispõem dos utensílios indispensáveis e que tudo está no devido lugar para o trabalho. Colocamos diante de cada aluno uma folha 21 X 27, destinada ao desenho livre, que cada um executa conforme seu ritmo, enquanto dois ou três alunos, designados cada um por sua vez, vêm ler aos camaradas um texto cuidadosamente preparado na véspera, o que constitui para eles um excelente exercício de leitura motivada e um momento de desenvolvimento cultural para toda a aula silenciosa (Freinet, 1975, p. 56).

Ao mesmo tempo em que se dão as leituras, pode-se propor aos ouvintes – que não quererão de bom grado ficar escutando com os braços cruzados – que executem outras atividades silenciosas, tais como desenhos, pesquisa em documentos ou redação, que os ocupará sem impedir que escutem as leituras prestando atenção nos textos que lhes interesse.

Depois de terminada a atividade de leitura, coletivamente se escolhe dois ou três desenhos para comporem o Livro da Vida, ou para serem impressos e posteriormente utilizados em outros trabalhos a serem elaborados pela classe, tais como o jornal da sala de aulas ou um panfleto que se queira divulgar.

Vale destacar que essa atividade de leitura não tem a incumbência de colocar o estudante diante de seus colegas para avaliar seu nível de leitura, o que seria uma prática escolástica. O educando deve ser bem sucedido, de modo que o professor não deve medir esforços para orientá-lo no que se refere à leitura desde a véspera, na escolha de um excerto que esteja à sua altura de compreensão. Ajudá-lo a encontrar um colega mais adiantado que possa auxiliar sua compreensão do texto escolhido. Ficar ao seu lado durante a leitura para apoiá-lo discretamente nos trechos mais difíceis e garantindo que seus colegas não façam demasiado ruído que lhe atrapalhe a atividade etc.

Este desejo de êxito encontrá-lo-emos, de resto, como uma tela de fundo [...] no que se refere à prática de todas as nossas técnicas. É exatamente o

contrário de todas as técnicas tradicionais, consoante as quais a criança, em caso de erro, deve ser castigada, sofrendo por vezes as piores humilhações, só sendo dignos de ter êxito os alunos especialmente dotados, que adquirem com isso, de resto, benefícios e vaidade (Freinet, 1975, p. 58).

Freinet pensava que sua teoria do ensaio experimental, base de toda sua Pedagogia, demonstrava claramente como todo ato bem sucedido deixa uma impressão que conduz automaticamente à repetição do ato, ao passo que o malogro desencoraja qualquer nova iniciativa. O educador francês acreditava que não se devia, como educador, permitir que os educandos conhecessem o fracasso, mas procurar contribuir para que todos fossem bem sucedidos, ajudando-os no que fosse necessário para que assim obtivessem sucesso, de modo que os estudantes, orgulhosos de suas conquistas, fossem capazes de ir muito longe.

Não é o caso de pensar, com Rousseau, na bondade original dos seres humanos, mas coerentemente levar em consideração o fato de que não é possível melhorar um indivíduo rebaixando-o moral e psiquicamente, ressaltando as falhas e as fraquezas dele. Para se elevar uma pessoa, convém enaltecer seus acertos, auxiliando-lhe na organização do trabalho e da vida como um todo e contando com as possibilidades dela, mesmo que sejam as mais simples e humildes.

Nas turmas dos pequeninos, na Educação Infantil, quando a leitura ainda não está presente entre os conhecimentos já adquiridos pelas crianças, dá-se lugar cardeal aos desenhos que, nas palavras de Freinet (1975, p. 59), constituem “um desinibidor psíquico e uma forma de expressão. O desenho substituirá mesmo, com frequência, nestes graus, o *texto livre oral*: depois de as crianças terem feito um desenho, a professora detém-se ao lado delas e pede que lho expliquem” (grifos no original). A educadora pode marcar no próprio desenho os elementos principais da narrativa. É primordial que os estudantes, ao invés de serem reprimidos e recalçados pelas regras desumanas da escola, possam se exprimir e ser livres. Desse modo, vai-se iniciando os primórdios de uma técnica da Pedagogia de Freinet que, em seu dizer, “se tornou já clássica: o *texto livre*” (Freinet, 1975, p. 59, grifos no original).

O próprio professor francês esclarece minuciosamente o significado de texto livre, ao afirmar que

um texto livre é, como sua designação indica, um texto que a criança escreve livremente, quando tem desejo de o fazer, em conformidade com o tema que a inspira. Não é aconselhável, por conseguinte, a imposição de um assunto nem se deve estabelecer um plano destinado ao que se tornaria então uma espécie de exercício de texto livre que, como é óbvio, constituiria apenas uma redação de tema livre (Freinet, 1975, p. 60).

Para Freinet, evidentemente, não é suficiente liberar a criança para escrever o que quiser. É necessário que se lhe inspire para que venha a ter o desejo de o fazer, despertando-lhe motivação e necessidade de se manifestar por meio da escrita. Se a produção do texto livre é natural e espontânea naquelas crianças em geral, não se pode dizer o mesmo daquelas que já foram tolhidas pelas práticas escolares do imobilismo e deformadas pelos métodos tradicionais. As ideias que norteariam a produção dos textos livres “não conseguem transpor os obstáculos decorrentes das proibições da escola. Estes alunos são reduzidos aos lugares comuns habituais de uma linguagem impessoal e narrativa” (Freinet, 1975, p. 60). Para tais estudantes é preciso recorrer-se a uma espécie de aclimação, de modo que se tornem sensíveis o suficiente para que compreendam que o que têm a dizer é, agora, importante para suas vidas e para a vida social em que representam, já, um papel humano.

Em todo caso, para Freinet, a escola tradicional interfere demais na constituição da liberdade dos estudantes e transformar seus métodos em processos de trabalho realmente autônomos constitui tarefa docente das mais complexas.

Nas relações entre educador e educandos, o incentivo deve vir sempre antes e acima das críticas. Se na produção de textos “[...] encontrardes demasiado que censurar à criança – escreveu mal, fê-lo num papel sujo, não reviu as suas frases, escolheu deficientemente as palavras –, se, para terminar, dizeis qualquer coisa que, de súbito, refreia o seu entusiasmo, o encantamento será destruído” (Freinet, 1975, p. 62). Com esse modo de proceder, um professor pode até obter, de seus pupilos, algumas redações escolares muito boas, mas jamais textos livres.

Diante de textos ainda mal acabados, produzidos pelos iniciantes, é importante que o educador se esforce para não desencorajar o pequeno escritor, de modo que este se sinta incentivado a conseguir escrever como os maiores de sua turma. Dessa maneira, a criança certamente progredirá, por meio do ensaio experimental. Irá ainda mais depressa se de vez em quando o professor se sentar ao seu lado e o auxiliar em seus textos, de modo que a cada dia a produção textual do principiante se vai tornando um trabalho gostoso e útil.

Já com os maiores, cabe ao docente fazer com que “compreendam que a versão original de um texto pode ser aperfeiçoada e tornada assim mais apresentável” (Freinet, 1975, p. 63). Diferentemente da educação tradicional, não se impede o educando de pedir ajuda a um colega mais velho, a um irmão, aos pais ou ao professor. Afinal de contas, “a criança na qual se conservou assim a necessidade inata de crescer e de saber mais, utiliza toda a ajuda que lhe é oferecida. Se aceita as muletas, rejeita-as logo que se sinta bastante forte para passar

sem elas” (Freinet, 1975, p. 64). Desse modo, cada estudante vai evoluindo e produzindo textos, a cada dia, de melhor qualidade.

De qualquer maneira, Freinet entendia que o texto livre é válido na medida em que se caracteriza como um documento de real autoria do estudante e em que é partilhado entre os colegas, enquanto serve de causa e de contexto para um enriquecimento em torno da cultura e do conhecimento.

### **À guisa de conclusão...**

Quanto à questão da transformação da escola numa instituição ativa e moderna ou das aulas em atividades realmente inovadoras, Freinet afirma que não basta que se utilize técnicas diferentes daquelas adotadas pela educação tradicional. Não basta organizar aulas passeio, utilizar as rodas de conversa, implementar a imprensa escolar, trabalhar com a correspondência interescolar, implantar o texto livre etc. É preciso que se implemente “uma alteração profunda nos fundamentos pedagógicos, psicológicos e humanos do ensino para se alcançar uma nova organização e um novo espírito escolares” (Freinet, 1975, p. 68-69). A autenticidade de Freinet não estava somente na ocorrência de garantir às crianças uma atuação ativa na sala de aulas e lhes propiciar exercerem um papel ativo na obtenção das técnicas escolares. Afinal de contas, Freinet não foi o primeiro a afirmar a necessidade de tornar ativas as atuações dos estudantes nos afazeres escolares. Os precursores da Escola Nova, na Suíça, nos Estados Unidos, na Inglaterra e em muitos outros lugares do mundo já o haviam afirmado, como é especialmente o caso de Adolphe Ferrière com sua obra *A escola ativa*, que tanto influenciou o pensamento e as ações do educador francês.

Em todo caso, cumpre destacar que, para Freinet, a educação ativa que defende não se enquadra com o que Elise Freinet chama de “escola ativa mais ou menos mística, em que o papel da criança ‘ativa’ aparecesse como um dogma e pudesse justificar todas as ideologias, incluindo as mais reacionárias” (E. Freinet, 1978, p. 45). A educação ativa preconizada pelo professor francês é aquela que se coaduna a uma escola viva que é a extensão natural da vida familiar, do vilarejo, do meio. Nesse sentido, “o texto livre não é um simples documento sintático: é sobretudo uma espécie de texto psicológico e social; através dele conhece-se a ação do meio sobre a criança e, reciprocamente, a ação desta sobre o meio” (E. Freinet, 1978, p. 45-46).

Concluindo este pequeno artigo, reafirmo que mais importante do que as técnicas de Célestin Freinet, são a concepção de homem e os fundamentos de sua Pedagogia, que buscam permanente e persistentemente relacionar a escola à vida dos educandos. As técnicas, afinal de contas, se desenvolveram em decorrência de sua postura sempre democrática e progressista, visando à formação de cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres, com espírito de colaboração e cooperação, autônomos e livres para se comunicarem e viverem com alegria.

Seu trabalho, que perpassou boa parte do século 20, se caracterizou como verdadeira militância em prol de uma educação popular que colocou o educando no centro das atenções e horizontalizou as relações entre professor e estudantes na sala de aulas. Sua Pedagogia permanece entre nós por meio dos diversos movimentos regionais e nacionais que perpetuam seu legado, além de se fazer presente na utilização de diferentes técnicas que preconizou, mesmo por quem não o conhece.

## Referências

ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. (org.). **Por uma pedagogia Freinet: bases epistêmicas e metodológicas**. São Carlos: Pedro e João, 2021.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP (FEU), 1999.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da escola moderna**. 4. ed. Lisboa: Estampa, 1975.

FREINET, É. **La escuela Freinet – los niños en un medio natural**. Barcelona: Laia, 1981.

FREINET, É. **Nascimento de uma pedagogia popular – os métodos Freinet**. Lisboa: Estampa, 1978.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GERALDI, J. W. Liberar gestos travados. *In*: FERREIRA, G. M. (org.) **Palavra de professor(a):** tateios e reflexões na prática da pedagogia Freinet. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 9-12.

Submetido em 05 de setembro de 2023.

Aprovado em 10 de novembro de 2023.